

RAE CLÁSSICO

Organizações e subdesenvolvimento

A associação entre desenvolvimento racional e modernidade, para os países ascenderem ao nível das grandes sociedades do Ocidente, parecia clara após a Segunda Guerra. Meio século depois, no entanto, são poucos os que cumpriram suas metas desenvolvimentistas. Teorias e projetos organizacionais praticados na época não alteraram o fato do mundo continuar, hoje, economicamente desigual.

por Carlos Osmar Bertero FGV-EAESP

Há três décadas, este autor publicou nas páginas da *RAE* um ensaio sobre a teoria das organizações e as sociedades subdesenvolvidas. Uma das linhas-mestras do texto original considerava que as organizações constituíam um instrumento de racionalidade que contribuiria para que as sociedades se "racionalizassem" - ou seja, que se ocidentalizassem, enriquecessem ou, no mote da época, se tornassem "desenvolvidas".

Tal meta fora proposta após o final da Segunda Guerra Mundial ao mundo inteiro, não como algo apenas possível, mas também como algo atingível em relativamente pouco tempo. O horizonte temporal era bem mais curto e otimista do que o que hoje encontramos. Acreditava-se que se desenvolver não só era viável, mas poderia ocorrer a passo acelerado.

Em tal contexto, as organizações eram uma expressão da racionalidade por serem dotadas de quadros profissionais. Administrar não era mais uma virtude herdada ou de conquista problemática. Poderia ser ensinada e consubstanciada em pessoas que teriam poder por serem profissionais.

As organizações seriam o instrumento preferencial para a administração apoiada em preceitos científicos. Apoiar-se-iam na crença firme, do século XIX e parte do século XX, de que era possível desenvolver a

administração como ciência baseada nos modelos originados no Ocidente a partir dos séculos XV e XVI.

À época, entendia-se a teoria organizacional como algo bem menos rico e complexo do que hoje. Falava-se em uma "teoria clássica", fundada na burocracia de modelo weberiano e taylorista, no fayolismo e nas "relações humanas".

Império da razão. Resta definir a própria racionalidade. No caso, entendia-se racionalidade como o atributo pelo qual a razão era coerente consigo mesma, eliminando procedimentos contraditórios. A seguir, teríamos o atributo da aplicabilidade, pelo qual o conhecimento não poderia ser desvinculado da ação. A racionalidade implicava o abandono da contemplação enquanto finalidade do conhecimento. Isso não significava eliminar o pensamento teórico, mas dizer que as teorias deveriam sempre estar voltadas ao entendimento da realidade, permitindo que se atuasse sobre ela.

Dessa forma, a racionalidade com a conotação de aplicação era o embrião do desenvolvimento tecnológico. Outro atributo fundamental da racionalidade era a capacidade de atingir objetivos claramente definidos, conquistar metas, transformar a realidade e não apenas entendê-la e explicá-la. Finalmente, era a capacidade de contribuir para o processo de acumulação do capital e enriquecimento, o que equivalia a desenvolvimento.

Sociedades atrasadas. A seguir, caracterizavam-se as sociedades subdesenvolvidas, termo que trocou de nome ao longo dos tempos. Nos anos 1920, o termo usado era bem mais cruel. Falava-se em "sociedades anacrônicas" ou, simplesmente, "atrasadas" (*backward societies*). Na segunda metade do século XX, as designações começaram a mudar: subdesenvolvidas, de Terceiro Mundo, em desenvolvimento, de industrialização recente e, finalmente, sociedades - ou economias - emergentes, que hoje é o termo mais usual. A verdade é que as designações mudaram muito mais do que as sociedades designadas.

Essas sociedades caracterizam-se, em primeiro lugar, pela renda *per capita* insatisfatória para os padrões e aspirações das elites, tanto das sociedades subdesenvolvidas como desenvolvidas, e de toda uma tecnocracia internacionalizada. Em segundo lugar, eram sociedades predominantemente agrárias, com a maioria de suas populações nos campos ou em pequenas comunidades ou vilas. Em terceiro lugar, vinha o fato de nelas predominar uma visão de mundo e valores diferentes da sociedade do Ocidente - referência paradigmática de uma sociedade desenvolvida. Não que valores e visões do mundo próprias das sociedades desenvolvidas inexistissem nas subdesenvolvidas, mas eram pontuais e minoritárias, predominando nas elites empresariais, militares, tecnocratas e intelectuais.

Outra constatação é que as sociedades subdesenvolvidas possuíam baixa densidade de organização: nelas as organizações eram menos abundantes do que nas desenvolvidas. Se estas servem ao desenvolvimento, a questão seria o que fazer para que as sociedades subdesenvolvidas viessem a aumentar sua densidade organizacional.

As demandas para serem atendidas teriam que considerar o seguinte:

- A subordinação do interesse individual, familiar, grupal e privado ao interesse geral ou da sociedade.
- A adesão a uma concepção de conhecimento que envolvesse o pragmatismo.
- O predomínio de relacionamentos baseados em neutralidade afetiva (*sine ira ac studio*), o que implicaria critérios voltados ao desempenho, à objetividade e ao mérito. Sociedades subdesenvolvidas eram vistas como campo propício ao nepotismo e ao patrimonialismo - relações incompatíveis com o desenvolvimento.
- A adoção da ação organizada, mais eficaz do que a ação de indivíduos ou de grupos.

Indagava-se, em conclusão, como as sociedades subdesenvolvidas poderiam "ascender" à condição de desenvolvidas. As considerações, à época, abriam-se em dois caminhos: o da mudança com ruptura, ou revolucionária, e o da mudança gradual.

Nos últimos 30 anos desfez-se o grande sonho de que a industrialização traria, em contrapartida, o desenvolvimento social e político.

A "tecnologia administrativa" é hoje um arremedo formado de modismos inconsistentes que vêm sendo há muito criticados.

A primeira prestigiava o político e passava pelo centralismo, pelo autoritarismo, pelo caráter oligárquico e subordinador da sociedade civil, e certamente implicava doses variáveis de violência e desrespeito.

A mudança gradual resultaria em processos mais lentos, apoiados no desenvolvimento das instituições. Sugeriria o transplante de organizações do tipo ocidental - como universidades, escolas técnicas e profissionais, empresas multinacionais, sindicatos e administração pública.

Nenhuma das soluções dispensaria as organizações, pois processos políticos do tipo revolucionário também podem lançar mão delas como forma de instrumentar seus propósitos.

Três décadas depois. A primeira coisa que se pode verificar é que o mundo continua dividido entre emergentes e os que já emergiram. Todavia, o horizonte temporal alterou-se substancialmente, talvez como resultado de um realismo maior. Que países de fato emergiram em meio século, desde quando as idéias "desenvolvimentistas" começaram a circular? Muito poucos. Talvez os "tigres" asiáticos, que têm enfrentado percalços, mas inegavelmente alteraram sua posição na estratificação das nações. A Coréia do Sul tinha em 1940 aproximadamente a mesma renda *per capita* do Brasil. Atualmente, tem o triplo da nossa. Todos aumentaram seus PIBs, e também suas rendas *per capita* em termos absolutos, mas as distâncias relativas mantiveram-se e a estratificação entre nações não se alterou de forma significativa. Não se duvida hoje que é possível enriquecer, mas o processo é longo e envolve complexidades que no passado não eram percebidas ou consideradas.

O desenvolvimentismo cedeu lugar à globalização, que não teve o mesmo poder de sedução e mobilização do projeto de desenvolvimento de meados do século XX. A globalização teve, desde os primeiros momentos, críticos pouco originais: a velha esquerda, com o refrão do neo-imperialismo, que pode ser facilmente dispensada por falta de originalidade. Mas também céticos notáveis entre os críticos não marxistas. A globalização ainda é, em grande medida, um discurso ideológico e como tal não tem a contrapartida com ações coerentes. A retórica globalizadora é repetida por parceiros que continuam com práticas que estão na contramão de sua retórica.

O fim da racionalidade? Do ponto de vista da Teoria da Organização é que as mudanças foram mais significativas na segunda metade do século XX. O que se produziu e incorporou foi louvável e terminaram as simplificações. Porém, a mudança mais decisiva foi o abandono do próprio discurso da ciência e da racionalidade na administração.

Ninguém atualmente ousaria afirmar o caráter científico da administração. Menos ainda que ela tornar-se-ia análoga ao que aconteceu com as Ciências Biológicas, Geociências e ciências do tipo físico-matemático, onde a teoria desabrocha em potencial aplicabilidade que conduz ao desenvolvimento tecnológico.

A "tecnologia administrativa" é hoje um arremedo formado de modismos inconsistentes e que vêm sendo há muito criticados. No mundo acadêmico, qualquer pessoa dessa área será admirada por seu nível de consumo e capital de relações sociais, e não pela ciência que produz.

Porém, mesmo entre os profissionais da administração, o discurso da racionalidade perdeu impacto. Em parte pela própria visão do homem como animal racional - definição do humanismo clássico - ter sido erodida por fatos e teorias. Basta lembrar as psicologias do inconsciente, o existencialismo, o pós-modernismo e o reconhecimento da importância da dimensão cultural. O ser humano abriu-se para o emocional, o instintivo e o passional, tornando-se muito mais imprevisível e pondo fim às certezas da racionalidade.

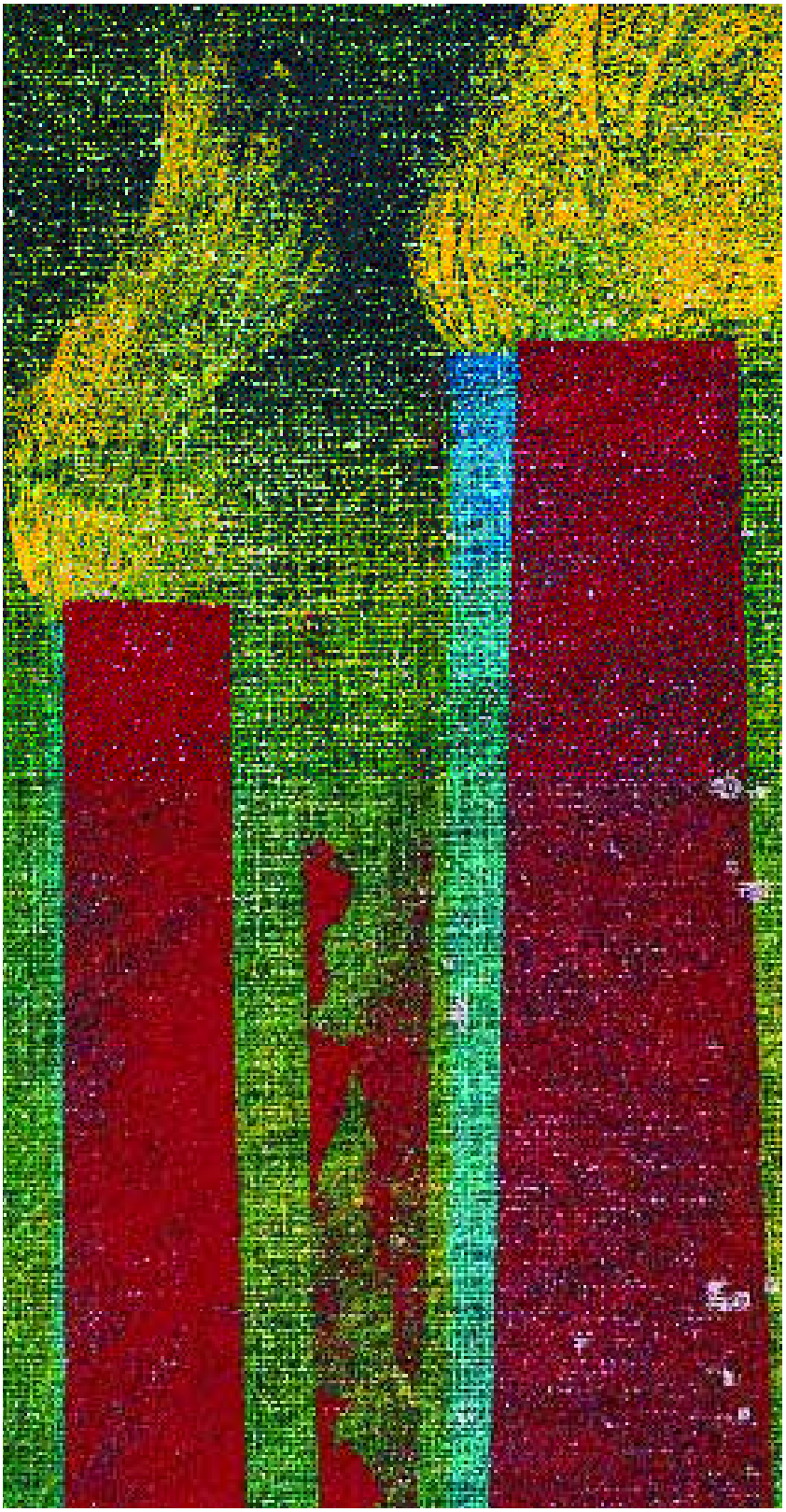
Desgastou-se, igualmente, a idéia da organização como núcleo e instrumento da racionalidade. Essa era a tradição clássica da teoria organizacional. O próprio conceito weberiano de racionalidade instrumental encontraria nas organizações seu agente natural. As bases econômicas da teoria da organização também as confirmam enquanto agentes da racionalidade. Do ponto de vista econômico,

espera-se dos administradores e das organizações que sirvam de paliativo às imperfeições do mercado e que aumentem a racionalidade, ou seja, a eficiência (produtividade) e a eficácia.

Visões renovadas. Há 30 anos, o mundo era mais simples e o artigo publicado pela *RAE*, bastante ingênuo - no sentido kantiano de não ser suficientemente crítico. O modelo funcional burocrático, que serviu claramente de referência para aquelas considerações sobre as organizações, hoje é parcialmente um modelo em desprestígio entre os profissionais da administração. Na verdade, ele sobrevive com mais força do que muitos administradores e acadêmicos da área admitiriam, mas a maioria não gosta de identificar-se com ele.

As sociedades então subdesenvolvidas, hoje emergentes, sofreram igualmente muitas modificações, mesmo sem alterações substanciais na estratificação internacional. Seus problemas não terminaram, mas alteraram-se.

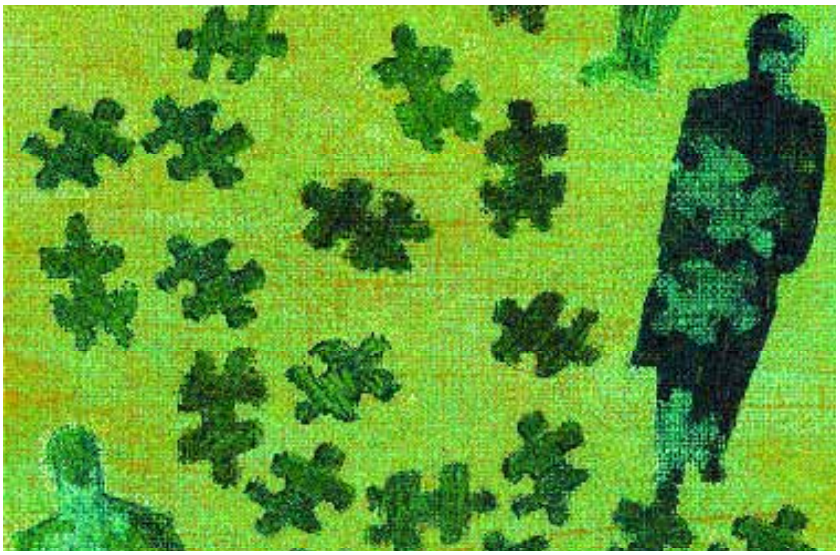
Acabou quase que inteiramente a visão de que elas eram agrárias e rurais. Entre as grandes sociedades emergentes, as maiores, a ter ainda substancial parte de suas populações em zonas rurais ou em pequenas vilas e comunidades, são a China e a Índia. O mundo pobre urbanizou-se e parte das sociedades subdesenvolvidas industrializou-se. Afinal, a expansão da malha industrial no mundo é responsável pelas alterações na produção industrial e no comércio internacional, e sem ela não se poderia explicar a aceleração do processo de globalização. Desfez-se o grande



sonho da industrialização como sinônimo de desenvolvimento econômico que traria, em contrapartida, o desenvolvimento social e político. Não só na economia dos países ricos, mas também nos países emergentes, a indústria perdeu importância relativa na composição da renda nacional. Hoje sabemos que se pode ser industrializado, até mesmo competitivo internacionalmente, porém permanecendo na condição de emergente.

Outros horizontes descortinam-se onde reside a vantagem competitiva dos países mais avançados. Situam-se na produção de tecnologia e na prestação de serviços que adicionam valor. Boa parte da produção industrial, prova de vanguarda econômica e tecnológica há pouco mais de meio século, hoje diluise em *commodities*, produzidas em diversos países do Terceiro Mundo. Atualmente, a lacuna a separar emergentes e desenvolvidos envolve conhecimento, educação, geração de tecnologia e busca de crescentes adições de valor.

O que possivelmente mais surpreende é o distanciamento com relação a valores e visões de mundo. O texto original pressupunha haver uma lacuna de valores entre sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas, mas que ela tendia à diminuição por uma aspiração universal de absorver sistemas econômicos, políticos e sociais do mundo ocidental. O artigo era claramente etnocêntrico. Os desdobramentos mostraram que a humanidade permanece culturalmente diversificada e que essas diferenças não desaparecerão em um futuro previsível, se é que um dia desaparecerão. Valores e visões de mundo continuam a existir, e não apenas para minorias fundamentalistas. As grandes culturas - como a islâmica, a hindu e a chinesa - continuarão a existir e não se ocidentalizarão no sentido de renunciarem a seus valores, estilos de vida e visões de mundo. Isso não significa que determinados aspectos de uma cultura não possam fascinar e atrair, mas outros podem ser rejeitados e rebatidos. O mundo todo admira e fascina-se com a riqueza e o poderio tecnológico, militar e financeiro do Ocidente, mas não necessariamente com suas religiões, costumes e instituições políticas e sociais.



A dificuldade de ser brasileiro. Como tratou-se aqui, genericamente, de sociedades subdesenvolvidas, hoje emergentes, seria interessante concluir com algumas observações a respeito do Brasil. Os esforços de interpretação da cultura brasileira deixam claro que ser brasileiro sempre foi difícil, e continua sendo.

Afinal, a definição e a aceitação da identidade nacional vêm nos martirizando desde que a reflexão sobre o assunto começou. O brasileiro sempre esteve de costas para o Brasil e de frente para Portugal, Paris, Londres e, hoje, Nova Iorque. Nosso racismo manifesta-se especialmente pela insistência com que nos consideramos sempre mais brancos e europeus do que de fato somos. Convivemos mal com o fato de sermos um povo mestiço. A harmonia da fusão das raças nunca foi assumida com a mesma alegria e satisfação pela maioria como pregado pelo discurso de seus ideólogos. Querer ser desenvolvido sempre significou ser europeu, norte-americano e ocidental. Desejar ser ocidental (racional, desenvolvido, globalizado) e ser subdesenvolvido, emergente e mestiço, relutando em aceitá-lo, constitui o núcleo psicótico de nossa cultura.

O que resta de provocativo no artigo original é o fato do tema permanecer atual, embora com terminologia e contexto alterados.